

Japão Autoriza Criação de Híbridos Humano-Animais:

Avanço Médico ou Dilema Ético?

Em julho de 2019, o Japão tomou uma decisão histórica e controversa ao autorizar o desenvolvimento de embriões híbridos de humanos e animais até ao nascimento. Esta medida, a primeira no mundo a ser implementada de forma oficial e regulamentada, tem como objetivo principal criar órgãos humanos em animais para uso em transplantes. Embora a iniciativa seja vista como um marco na medicina regenerativa, as implicações éticas e sociais continuam a dividir a opinião pública e a comunidade científica.

Será esta uma solução inovadora para a crescente escassez de órgãos ou um passo em falso que desafia os limites éticos da ciência? Neste artigo, vamos analisar os pormenores da decisão japonesa, os potenciais benefícios e os riscos envolvidos, bem como a posição ética que a sociedade deverá adotar face a este avanço sem precedentes.

Uma Decisão Científica de Proporções Históricas

A aprovação do Japão não ocorreu de forma repentina ou desregulada. Sob a liderança do investigador Hiromitsu Nakauchi, da Universidade de Tóquio, os cientistas receberam luz verde para introduzir células estaminais humanas em embriões de animais, como ratos e porcos. A ideia é permitir que estes embriões cresçam e se desenvolvam em úteros de animais, com o objetivo de formar órgãos humanos, como rins ou fígados, que possam ser transplantados em pacientes.

Até então, a criação de híbridos humano-animais era permitida apenas até 14 dias de desenvolvimento, altura em que os embriões eram destruídos antes de atingirem estágios mais avançados. Com esta decisão, o Japão autoriza, pela primeira vez, que os embriões completem o seu desenvolvimento e nasçam.

A promessa de salvar vidas é clara: o tempo de espera para um órgão compatível é longo e muitas vezes fatal. Em Portugal, segundo dados do Instituto Português do Sangue e da Transplantação, mais de 800 pessoas aguardam por um transplante, muitas delas em situações críticas. Se a tecnologia de xenotransplante for bem-sucedida, poderá salvar milhares de vidas em todo o mundo, proporcionando uma solução revolucionária para um problema de saúde pública global.

Os Benefícios Potenciais

A principal vantagem desta abordagem é evidente: um fornecimento praticamente ilimitado de órgãos humanos para transplantes. Atualmente, a procura de órgãos supera em muito a oferta, resultando em listas de espera prolongadas e, muitas vezes, fatais. Se for possível

cultivar órgãos humanos em animais, como porcos, estes poderão ser colhidos de forma ética e eficiente para salvar vidas humanas.

Adicionalmente, esta tecnologia pode abrir portas a avanços médicos em outras áreas, como o estudo de doenças genéticas ou o desenvolvimento de tratamentos personalizados. Por exemplo, órgãos gerados a partir das células estaminais do próprio paciente poderiam eliminar o risco de rejeição pelo sistema imunológico, um problema comum nos transplantes atuais.

Outro benefício seria a redução da dependência de doadores humanos. Apesar das campanhas de sensibilização para a doação de órgãos, muitos países enfrentam escassez crônica, agravada por fatores como o envelhecimento populacional e a hesitação cultural em relação à doação.

Os Desafios Éticos

Apesar dos potenciais benefícios, esta tecnologia levanta questões éticas profundas e difíceis de ignorar. Como devemos definir a linha entre humano e animal? Até que ponto é aceitável manipular a natureza para satisfazer as necessidades humanas?

Uma das principais preocupações éticas está relacionada com a possibilidade de as células humanas se integrarem em órgãos não pretendidos, como o cérebro dos animais hospedeiros. Esta integração poderia levar a mudanças no comportamento ou na cognição do animal, levantando questões sobre a sua identidade e dignidade. Embora os investigadores afirmem que tomarão medidas para evitar tais situações, o risco de consequências inesperadas não pode ser descartado.

Outro dilema ético diz respeito ao sofrimento dos animais. Apesar de se argumentar que os benefícios para os humanos superam os custos, é inegável que os animais envolvidos nestas experiências podem ser sujeitos a sofrimento físico e psicológico. Num mundo onde os direitos dos animais ganham cada vez mais destaque, esta questão não pode ser ignorada.

Finalmente, há a questão da regulamentação. Quem decidirá como e onde esta tecnologia pode ser usada? Quais serão os limites impostos? A criação de órgãos para transplante pode ser vista como justificada, mas e se esta tecnologia for usada para outros fins, menos éticos? Estas questões requerem um debate sério e global, envolvendo não apenas cientistas, mas também filósofos, legisladores e o público em geral.

A Resposta do Japão: Regulamentação Rigorosa

Para mitigar os riscos éticos e garantir que a tecnologia seja usada de forma responsável, o governo japonês estabeleceu um comité de avaliação governamental para supervisionar os projetos de pesquisa. Este comité é responsável por assegurar que os embriões híbridos sejam criados com propósitos médicos claros e que os testes sejam conduzidos de forma ética.

Além disso, investigadores japoneses têm trabalhado na elaboração de diretrizes para garantir a segurança e eficácia dos transplantes de órgãos gerados em animais. Estas diretrizes, que deverão estar concluídas ainda em 2025, incluem medidas para prevenir a transmissão de doenças zoonóticas e minimizar os riscos de rejeição imunológica.

Reflexão Final: A Ciência ao Serviço da Humanidade ou a Ultrapassagem de Limites Éticos?

A criação de híbridos humano-animais coloca a humanidade numa encruzilhada entre o progresso científico e os valores éticos. Por um lado, esta tecnologia tem o potencial de salvar incontáveis vidas, oferecendo uma solução para um problema que afeta milhões de pessoas em todo o mundo. Por outro lado, desafia as nossas concepções sobre o que significa ser humano e até onde podemos ir na manipulação da natureza.

Como sociedade, é fundamental que abordemos este tema com cautela, ponderando os benefícios e os riscos de forma equilibrada. A ciência deve avançar, mas nunca à custa dos princípios éticos que sustentam a nossa humanidade.

A decisão do Japão é, sem dúvida, um marco histórico que marcará o futuro da medicina e da bioética. Cabe agora ao resto do mundo decidir como responder a este avanço. Estaremos à altura do desafio?

(Domingo, 19 de janeiro de 2025)

António Ricardo Miranda

Engenheiro Electrotécnico e de Computadores, de Controlo e Robótica e Pessoa com Deficiência Auditiva e Visual

Contactos:

Email: aricardomiranda@gmail.com

Whatsapp (mensagens escritas apenas): 969917317